

AJ 200 71

O bairro São Pedro com seus barracos coloridos é um caso raro de ocupação de terreno de marinha que surgiu, aparentemente, incentivado pelo próprio Governo do Estado, que urbanizou-o, implantou rede de água e de energia elétrica. Os migrantes e flagelados das enchentes de 1979 que procuraram construir lá suas moradias não foram perseguidos pelos fiscais da Prefeitura, pelo menos até bem pouco tempo. Porém, hoje, vivem temerosos de perder o exíguo espaço conquistado. Aqui um pouco da história do bairro, seus problemas e projetos do município para transformá-lo num núcleo habitacional com casas de alvenaria.



Reportagem de:
Cloves Geraldo
Fotos:
Luis Pajau

A comunidade do bairro São Pedro agradece os melhoramentos conseguidos e lembra que falta ainda muita coisa para ficar tranqüila. Sutilmente uma crítica ao trabalho do prefeito Wander José Bassini ficou pela metade.

No bairro São Pedro, a luta pelo reconhecimento humano

"Todo homem tem direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana perante a lei". — Artigo VI — Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Esta frase está escrita no coreto do Centro Comunitário do bairro São Pedro, localizado em sua via principal, a avenida Quatro de Setembro, por onde transitam diariamente seus quatro mil moradores. Estes ao escrevê-la talvez pretendessem chamar a atenção das pessoas que por ali passam para as precárias condições de sobrevivência a que estão condenados a viver.

Foi no Carnaval de 1977, que dois deles vindos de bairros distantes plantaram a semente do bairro São Pedro na paisagem do mangue. E estavam longe de imaginar que três anos depois 960 barracos estariam fincados naquele local, ocupando uma área de quase 160 mil m², com algumas melhorias realizadas, mas carecendo de infra-estrutura suficiente para justificar o reconhecimento pleno dos moradores como seres humanos como apregoa a frase por eles escolhida.

SINAL PARA A INVASÃO

as dificuldades que enfrentaria desde aquele tempo. Quando lá chegou só existiam 23 barracos. Ergueu o seu cômodo de madeira com dimensão de 2 x 2,5 metros e começou a economizar para aumentá-lo. Aos poucos chegou aos quatro atuais, que divide com a mulher Maria das Graças e os cinco filhos.

É curioso que o governo estadual, em 1977, parece ter tentado provar que é possível permitir uma ocupação ordenada de uma área sem os atropelos das derrubadas de barracos e as conseqüentes passeatas dos moradores. Este aspecto e notado pela aparência de bairro estruturado do São Pedro, mesmo tendo apresentado depois um acúmulo de barracos num mesmo espaço. As ruas estão abertas, as moradias construídas segundo um critério urbanístico consciente.

Elas tem nomes como rua da Esperança ou lembram os tempos coloniais ao serem batizadas como Beco do Vento. Os barracos construídos na avenida Quatro de Setembro ocupam áreas que permitem a existência de quintais. São pintados de rosa, verde, azul ou branco e são cobertos de telhas Eternit. Alguns moradores mais abastados dão-se ao

VAGAS INSUFICIENTES

O Centro Comunitário, conta o senhor Silva, só agora conseguiu registro. Muitas famílias não ganham o suficiente para alimentar os filhos, mesmo não pagando aluguel. E o Centro pretende no futuro oferecer leite e remédios às crianças. A escola de 1º Grau José Lemos funciona em quatro turnos e não tem vagas para todos os menores em idade escolar. Segundo o senhor Silva, no último sábado quando da vacinação contra a paralisia infantil, pode-se apurar que elas chegam a 640 e só uma escola com maior número de salas de aulas poderá absolver a todas.

O quadro fica mais grave ao sabermos que das 10 crianças atendidas diariamente no Posto de Saúde da Ilha das Caieiras, seis são anêmicas ou contraíram verminose. Os adultos também, dos oito medicados, três pelo menos têm vermes. A Secretaria Municipal de Saúde e Bem Estar Social não tem — afirma o senhor Silva — sido caprichosa com o bairro São Pedro. Às vezes passam dias sem aparecer o clínico geral. "Já ficamos até seis

para eles aterrarem a área de mangue sob a qual estava construída sua moradia, e passou-se a comentar que duas empreiteiras iriam fazer o atêrro.

SAIR SÓ MORTO

As reações a estes comentários foram as mais variadas. José Maria do Nascimento indagado sobre o assunto foi incisivo: "Só me tiram daqui passando por cima de mim". Lourdes Cândida discordou dos supostos planos: "O necessário aqui é ter atêrro e esgoto. O que adianta tirar o pobre do barraco e botar numa casa. Ele não pode pagar prestação e ainda por cima vai comer o quê? Acho a idéia absurda".

A verdade, entretanto, é outra (ver entrevista com o secretário Municipal de Obras, Laércio Bernardo Machado), ou no futuro a velha canção que diz que "todo boato tem um fundo de verdade" irá prevalecer. No momento a Prefeitura incentiva o Centro Comunitário a promover mutirões de

Aterro começa no dia 29

No dia 29 próximo, quando forem iniciadas as obras de atêrro de 75 mil m² de mangue, no bairro São Pedro, a Prefeitura de Vitória estará pondo em prática o seu projeto de substituir por casas de alvenaria os 960 barracos hoje existentes. Naquela data terá início o programa do Promorar, que se estenderá no futuro aos bairros Andorinhas, Santa Maria, Joana D'arc e Itararé.

O primeiro beneficiado será o bairro São Pedro, informou o secretário Municipal de Obras, Laércio Bernardo Machado. Nessa fase inicial será feito o

Foi no Carnaval de 1977, que dois deles vindos de bairros distantes plantaram a semente do bairro São Pedro na paisagem do mangue. E estavam longe de imaginar que três anos depois 960 barracos estariam fincados naquele local, ocupando uma área de quase 160 mil m², com algumas melhorias realizadas, mas carecendo de infra-estrutura suficiente para justificar o reconhecimento pleno dos moradores como seres humanos como apregoa a frase por eles escolhida.

SINAL PARA A INVASÃO

No dia seguinte à construção dos dois barracos os fiscais da Prefeitura derrubaram-nos. Os dois moradores procuraram o governo Elcio Álvares para reivindicar o direito de moradia numa área desocupada, se bem que "terreno de marinha". Foram atendidos e os fiscais desapareceram das proximidades da Ilha das Caieiras. Foi o sinal para que outras pessoas que vivem o mesmo drama do aluguel da falta de recursos para comprar um lote, irem ficando na calada da noite a sua habitação de dois cômodos de madeira.

Logo aterros foram feitos, a paisagem formada de mar e arvoredos teve acrescido mais um componente: os barracos suspensos sobre as águas tal palafitas. Corredores de taboas se estendiam por metros afora para permitir o livre trânsito dos moradores. O bairro estava se formando sem a perseguição dos fiscais municipais aparente incentivo do próprio governador. Finalmente no dia quatro de setembro de 1977 — daí o nome da avenida, Elcio Álvares lá compareceu acompanhado do prefeito Setembrino Pelissari e autorizou a abertura de ruas e o aterro da via principal.

Muitos que hoje convivem com o forte cheiro do mangue, acrescido do de lixo, dejectos e animais putrefatos, há três anos, quando lá tentaram se instalar, tiveram medo. É o caso de Sebastião Tibúrcio da Silva, 47 anos, presidente do Centro Comunitário, conhecido no bairro como senhor Silva. Ele pretendia comprar um barraco no incipiente núcleo populacional, ainda sem nome, e ao chegar lá com sua mulher chocou-se com as suas condições. "Era só água e mato que chegavam até o asfalto" — conta.

GRATIDÃO ANTECIPADA

Porém, o choque do senhor Silva durou pouco. Dias depois uniu-se aos demais fundadores do bairro São Pedro. Já o funcionário público, José Maria Nascimento, não temeu

aparência de bairro estruturado do São Pedro, mesmo tendo apresentado depois um acúmulo de barracos num mesmo espaço. As ruas estão abertas, as moradias construídas segundo um critério urbanístico consciente.

Elas tem nomes como rua da Esperança ou lembram os tempos coloniais ao serem batizadas como Beço do Vento. Os barracos construídos na avenida Quatro de Setembro ocupam áreas que permitem a existência de quintais. São pintados de rosa, verde, azul ou branco e são cobertos de telhas Eternit. Alguns moradores mais abastados dão-se ao luxo de construir varandas. Outras casas de alvenaria, sobrados, muitas vezes ocupando um exíguo espaço em cima de uma pedra.

ORDEM APARENTE

Tudo isso transmite a idéia de uma ordem aparente. Idéia que começa logo à entrada do bairro São Pedro transmitida pela placa colocada pelo Centro Comunitário, que agradece ao prefeito Wander José Bassini, até por obras irrealizadas, como a futura pavimentação e drenagem de suas ruas, bem como suas áreas de lazer (...). O visitante encontra mais à frente o coreto com o artigo VI, da Declaração Universal dos Direitos Humanos. E vai formando sua opinião sobre o bairro.

A mescla político-social não se resume ao, já dito. Outra frase, ao que parece também da mesma Declaração, é enfática: "(...) Nós não podemos deixar de falar das coisas que vemos e ouvimos". E não é para menos. Os moradores e os visitantes têm muito para ver — ruas sem asfalto, esburacadas, cheias de lixo — e ouvir — reclamações dos moradores contra a ausência de infra-estrutura.

Estas dificuldades já estavam previstas. Todos eles são conscientes de que é preciso primeiro erguer o barraco para depois reclamar do resto. Eles viram chegar a luz, a água, o aterro e a urbanização. E se uniram para reivindicar o resto: escola, posto de saúde, rede de esgoto e a pavimentação. Falta água em algumas moradias. Maria do Socorro busca todo dia numa lata de 20 litros o suficiente para cozinhar e lavar roupa.

O mesmo faz Maria das Graças, que reclama das vizinhas que têm poço e cobram Cr\$ 20,00 por seis latas d'água. A reclamação delas e da maioria dos moradores é contra falta de esgoto, de lixeiro para evitar que restos de comida, papéis, latas taboas sejam jogados no mangue. "A gente se preocupa muito aqui é com lixo e calçamento" — diz Maria do Socorro.

chegam a 640 e as escolas com maior número de salas de aulas poderá absolver a todas.

O quadro fica mais grave ao sabermos que das 10 crianças atendidas diariamente no Posto de Saúde da Ilha das Caieiras, seis são anêmicas ou contraíram verminose. Os adultos também, dos oito medicados, três pelo menos têm vermes. A Secretaria Municipal de Saúde e Bem Estar Social não tem — afirma o senhor Silva — sido caprichosa com o bairro São Pedro. As vezes passam dias sem aparecer o clínico geral. "Já ficamos até seis meses sem médico" — acrescenta.

No posto de Saúde a informação é de que das 7 as 10 horas, tanto dentista, quanto clínico geral, aguardam seus pacientes. Só no período da tarde é que eles deixam de atender porque não aparece ninguém (sic). Os doentes por sua vez ficam à mercê da própria sorte, como acontece nos bairros distantes do centro. Nem uma farmácia existe para primeiros socorros ou compra de remédio. Os ônibus só circulam até às 23 horas, depois é andar a pé, uns cinco quilômetros até o bairro Santo Antônio.

FONTES DE BOATOS

Se a necessidade de moradia no princípio uniu a todos para não permitir a derubada dos barracos, hoje há um difundido temor de perder seu espaço, diante dos boatos que fluem pelo bairro. O senhor Silva diz que os boateiros são os invasores profissionais, receiosos de perder o inquilino ou o próprio lote. (Eles alugam dois cômodos por Cr\$ 1.800,00). Muitas reuniões já foram convocadas pelo Centro Comunitário para aplicar o que na verdade acontece e só aparecem entre 10 e 20 pessoas.

Os boatos tornaram-se mais graves depois da publicação da Portaria 130, de 11 de abril de 1980, da Secretaria Geral do Ministério da Fazenda, assinada por Eduardo Pereira de Carvalho, autorizando a cessão de 157.603 mil m² de terreno de marinha a Prefeitura de Vitória, sob o regime de aforamento. Dizia-se então que os moradores seriam retirados de onde se encontram e levados para as proximidades de Goiabeiras.

E também que a Prefeitura não permitiria mais a existência de barracos, sendo os moradores obrigados a construir casas de alvenaria, podendo para tanto obter financiamento do BNH. Isso aterrorizou a todos, pois anteriormente a Prefeitura fornecia terra

gotos. O que adianta tirar o pobre do barraco e botar numa casa. Ele não pode pagar prestação e ainda por cima vai comer o quê? Acho a idéia absurda".

A verdade, entretanto, é outra (ver entrevista com o secretário Municipal de Obras, Laércio Bernardo Machado), ou no futuro a velha canção que diz que "todo boato tem um fundo de verdade" irá prevalecer. No momento a Prefeitura incentiva o Centro Comunitário a promover mutirões de construção de moradias, ao contrário do que imaginam os moradores, isto é, ela deveria aterrar parte do mangue onde ainda existem casas sobre a água e construir uma rede de esgoto, além de outros melhoramentos, e deixar o pessoal viver como está.

A idéia está sendo posta em prática, mesmo diante das resistências. Já se produziu 300 tijolos visando a construção do muro de uma residência vizinha a do senhor Silva. O interessado compra o material — cimento e areia ou aproveita saibro mesmo e algumas pessoas ajudam-no a fazer os tijolos. Mas poucos moradores tem-se mostrado interessados nesse projeto, talvez desconfiados da idéia de gastar dinheiro.

Serão necessários pelo menos quatro mil cruzeiros para se erguer dois cômodos. Um saco de cimento custa Cr\$ 190,00 e nove latas de saibro ou areia dá para produzir 250 tijolos. E o senhor Silva informa que o Centro Comunitário pode colocar à disposição do interessado até 30 máquinas de fazer tijolo.

MEDO E IMPREVISTO

A maioria dos moradores vê-se frente a um novo desafio. Ao construírem suas moradias pensaram que mais tarde poderiam usufruir os melhoramentos, porém não imaginaram que teriam de transformar seus barracos em vistosas casas de alvenaria, de acordo com os padrões estabelecidos nos gabinetes da Prefeitura.

O bairro São Pedro cresceu em ritmo acelerado em três anos sem nenhuma exigência, não se sabe agora quanto tempo vai gastar para os barracos serem substituídos. Isto se torna mais evidente quando se sabe que 99% de seus moradores são flagelados das enchentes de 1979, migrantes provenientes do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Ceará e Bahia e pessoas empurradas de outros bairros para lá. E reforça a pergunta de José Maria Nascimento: "Quem ganha salário-mínimo como é que vai fazer?".

do Promorar, que se estenderá no futuro aos bairros Andorinhas, Santa Maria, Joana D'arc e Itararé.

O primeiro beneficiado será o bairro São Pedro, informou o secretário Municipal de Obras, Laércio Bernardo Machado. Nessa fase inicial será feito o aterro da área acima mencionada por uma empreiteira que deverá concluir o serviço em 60 dias. Segundo Laércio Machado "ninguém vai ter que sair, a remoção será mínima e aqueles que tiverem de fora do traçado das novas ruas e avenidas, vamos estudar uma fórmula de colocá-lo dentro dele".

E tranquilizou aqueles moradores que estavam temerosos de serem mandados para outros locais, perdendo o espaço conquistado há algum tempo. "Não haverá nenhuma remoção" — garantiu. Tão logo terminado o aterro, terão início as obras de implantação de saneamento básico. Não existe ainda definição sobre a extensão da rede de água e esgoto a ser construída, nem das vias públicas a ser pavimentadas.

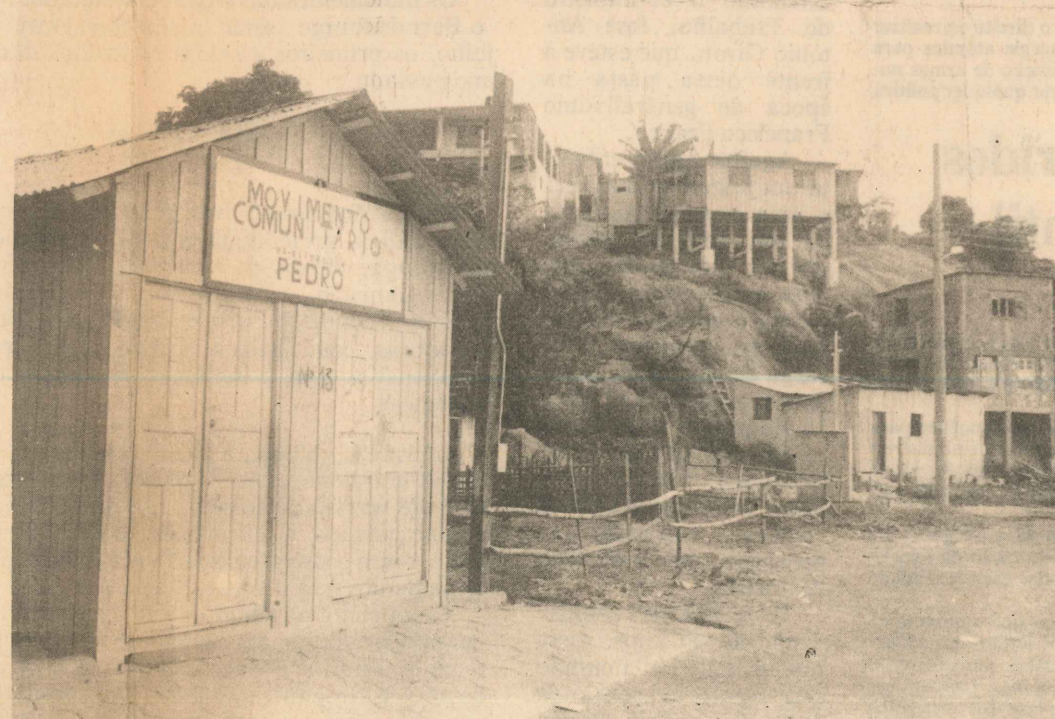
OUTROS MELHORAMENTOS

Estão previstos também a edificação de escola e posto de saúde, cujos locais estão em vias de detalhamento. O que será feito logo após o aterro é a instalação pela Prefeitura de um posto para orientar os moradores interessados em substituir seus barracos por casas de alvenaria. Ali ele saberá como fazer para obter financiamento do BNH para a compra de material de construção, construir sua residência de acordo com a planta fornecida pela Prefeitura, e saber qual é a área que lhe coube após a delimitação dos lotes.

As plantas, disse Laércio Machado, já estão sendo distribuídas de graça, podendo o interessado escolher o tamanho de sua casa (de um, dois ou três quartos). Todos os melhoramentos deverão estar concluídos em dezembro deste ano.



O outro lado do bairro: retrato da moradia satisfeita pela metade.



Casas de alvenaria: o bairro expande-se pelo morro.